

ALMADA

A cultura desce à rua ao encontro da população

Entrevista por José Sousa Machado

A Cultura, em Almada, é levada para a rua, inundando as praças, atingindo os espaços mais recônditos. O espírito corrente é o de que as manifestações artísticas devem ser vividas e repartidas pelo maior número de gente, num ambiente de entusiasmado convívio. A população do Concelho aderiu a este espírito e tem vindo, gradualmente, a aumentar a sua participação nos espectáculos realizados. O Festival de Música do Convento dos Capuchos (Costa de Caparica), o Festival Alternativa de Arte Viva, as inúmeras manifestações realizadas por ocasião das comemorações do quarto centenário da morte de Fernão Mendes Pinto, são apenas alguns dos acontecimentos que animam o concelho.

Grande parte do que em Almada acontece em termos culturais deve-se à actividade incansável da Câmara Municipal do Concelho, a qual tem incentivado e dinamizado activamente os mais diversos projectos, mesmo quando ainda embrionários. Em Almada falámos com o dr. Eduardo Costa, vereador da Cultura do Concelho de Almada, sobre o que está a acontecer neste momento.

«o diário» — O papel desenvolvido pela Câmara Municipal de Almada, como dinamizadora de actividades de carácter cultural, tem sido particularmente relevante, sobretudo nos últimos três anos: o Festival Alternativa (ou Festival de Arte Viva), o Festival de Música do Convento dos Capuchos (Costa de Caparica) — que este ano

tem a sua terceira edição — e as comemorações, durante todo este ano, do quarto centenário da morte de Fernão Mendes Pinto, são apenas alguns dos exemplos mais salientes da vossa actividade. Como é que tem sido orientada a política cultural neste concelho?

Dr. Eduardo Costa — Digamos que a política cultural da Câmara de Almada assenta, fundamentalmente, em dois tipos de iniciativas distintas. A primeira refere-se às realizações próprias da Câmara e a segunda traduz-se no apoio concedido às colectividades e agentes culturais do Concelho. Estes dois factores não são, contudo, de forma nenhuma concorrentes, mas antes supletivos e complementares, voltados essencialmente para tipos de acções que não estão ao alcance de entidades isoladas, quer pela sua especificidade, quer pelas suas dimensões.

P. — Concretamente, em relação ao Festival Alternativa e ao Festival de Música dos Capuchos, qual tem sido o vosso apoio?

R. — É sobretudo um apoio logístico, e também material.

P. — Logístico no sentido de que concedem ou emprestam as instalações?

R. — Não só. Todos os trabalhos preparatórios, de preparação de um espaço destinado a acolher um público numeroso, são realizados em estreita colaboração com os serviços camarários.

Dinamismo cultural

P. — A pulverização de iniciativas culturais no Concelho de Almada traduz um dinamismo natural de que a população do concelho está imbuída? Tem-se notado, ao longo dos últimos anos, uma maior adesão da população do concelho às iniciativas que a Câmara promove ou, pelo contrário, estas iniciativas são frequentadas por um público que vem de fora do Concelho?

R. — A participação das pessoas de Almada tem vindo a aumentar, sobretudo na camada mais jovem da população, que acompanha sempre de perto o que se tem feito, e tem demonstrado um interesse bastante grande. O Festival Alternativa inclui manifestações muito variadas, que vão desde a pintura, performance, à arte postal, dança, etc., apresentadas todas de uma maneira inovadora. A reacção do público é muito interessante. Não é uma reacção homogénea. Há diversos tipos de comportamento.

Este ano verificou-se que a



■ Estátua de Fernão Mendes Pinto que em breve será inaugurada no Pragal

■ Eduardo Costa (à esquerda) cumprimenta o pianista Sequeira Costa após a sua intervenção no Festival de Música do Convento dos Capuchos

participação se estendeu para além da intervenção normal como espectadores. Surgiram alguns grupos aqui no concelho que apresentaram os seus espectáculos.

P. — Falemos um pouco sobre as comemorações do quarto centenário da morte de Fernão Mendes Pinto, que estão a ser realizadas aqui em Almada...

R. — 1983 foi o ano escolhido pela Câmara de Almada para se celebrar e homenagear Fernão Mendes Pinto que é, inequivocamente, uma das figuras exponenciais da

cultura portuguesa. Temos vindo, desde o início do ano, a promover um amplo conjunto de iniciativas de carácter cultural subordinado a esta efeméride, e até ao final do ano muitas outras coisas acontecerão ainda.

Fernão Mendes Pinto era natural de Montemor-o-Velho, mas viveu os últimos anos da sua vida aqui no Concelho de Almada, no Pragal. Foi no Pragal que escreveu a «Peregrinação» e foi também no Pragal que morreu (está lá enterrado). O facto de aqui ter vivido os últimos 20 anos da sua vida e de ter falecido em Almada justifica plenamente que o Concelho assinala esta efeméride.

Realizámos já uma série de conferências, nos Paços do Concelho, no mês de Julho, nas quais Rebeca Catz abordou a importância da obra de Fernão Mendes Pinto.

Escolhemos o dia oito de Julho para início das conferências, porque foi nesse mesmo dia, há exactamente quatrocentos anos, que Fernão Mendes Pinto faleceu. Os participantes nas conferências receberam, como oferta, um livro de banda desenhada sobre o autor da «Peregrinação» — livro editado pela Câmara. Esta obra, que não se encontra à venda, foi distribuída em todas as escolas do concelho e oferecido aos estudantes que termina-

ram a 4.ª classe em 83. Fizemos projecções do álbum, em diapositivos, por todas as escolas primárias do concelho, para que as comemorações abrangessem também a camada mais jovem da população que assim não fica alheia às comemorações.

Além disso está a decorrer uma exposição na Biblioteca Municipal, que documenta aspectos variados da vida do autor da «Peregrinação»; está, também, no prelo um estudo sobre Fernão Mendes Pinto — aspectos biográficos e bibliográficos. Este livro é uma compilação de estudos realizados, respectivamente, pelo Bibliotecário Municipal, pelo professor Raul Pereira de Sousa e Reynaldo Varela Gomes. Este último debruça-se sobre o itinerário de viagens de Fernão Mendes Pinto.

Vai ser inaugurada uma estátua de Fernão Mendes Pinto no Pragal, da autoria de Mestre António e, simultaneamente, realizaremos uma grande exposição sobre o homem e a sua obra.

«Nunca obtivemos resposta»

P. — Sendo Fernão Mendes Pinto um homem do Renascimento porque motivo não tentou a Câmara de Almada integrar as comemorações do quarto centenário

da sua morte no âmbito das manifestações realizadas sob os auspícios da XVII exposição do Conselho da Europa? Teria sido uma bela ocasião de arrastar para fora de Lisboa o espaço das iniciativas.

R. — Tentámos isso. Logo no início do ano enviámos um ofício ao Comissariado da XVII no qual sugeríamos e avançávamos a nossa disponibilidade para se aliarem as acções promovidas pela Câmara de Almada às iniciativas realizadas sob os auspícios do Conselho da Europa.

Nunca obtivemos resposta a este ofício, lamentavelmente.

P. — Que outras iniciativas de carácter cultural tem a Câmara promovido? Lembro-me agora de uma outra exposição que incluía vários géneros de manifestações artísticas intitulada «Uma gaivota no vento»...

R. — Essa exposição realizou-se entre Abril e Maio e incluiu uma exposição de «Arte Portuguesa Contemporânea», uma segunda exposição intitulada «Almada Antiga e Moderna», encontros de poesia, lançamento de livros e de discos e uma exposição de banda desenhada portuguesa. «Uma gaivota no vento» foi de facto um acontecimento que ultrapassou em muito as nossas expectativas, no que diz respeito ao diálogo e convívio entre artistas e espectadores. Além desse projecto, existem ainda mais algumas manifestações integradas no âmbito das comemorações de Fernão Mendes Pinto.

Um conjunto de artistas plásticos de Almada está a preparar um painel alusivo à sua figura e vamos editar uma peça de teatro que Romeu Correia escreveu sobre os últimos 21 anos de vida de Fernão Mendes Pinto.

P. — E quanto ao Festival de Música do Convento dos Capuchos?

R. — Nós apoiamos este Festival desde a sua primeira edição. O Convento é património municipal. O Festival dos Capuchos é, para nós, um pouco como o nosso filho querido, em termos dos acontecimentos culturais do Concelho.

P. — Além, claro está, da qualidade inegável da programação, não lhe parece que o êxito do Festival dos Capuchos é devido ao espaço privilegiado em que decorre?

R. — Eu não diria que o espaço seja fundamental. De facto, o Convento é muito agradável, mas se não fosse complementado com a qualidade artística dos intérpretes e da escolha e organização do programa em geral, não teria o bom acolhimento que o público lhe tem dispensado. O grande mérito do Festival consiste em aliar a música a um espaço ambiental muito bonito. A conjugação do espaço com a música é que define aquilo que o festival é hoje.

SANTOS & NASCIMENTO

AVENIDA DA LIBERDADE, 177 - LISBOA

SALDOS

PRONTO A VESTIR

FATOS - CAMISAS - MALHAS - SAPATOS